



**Entrevista:  
Juca Martins**

**Paulo César Boni**

## “Vivi – e registrei – importantes momentos da luta pela democracia no Brasil”

I lived – and recorded – important moments of the fight for democracy in Brazil

Paulo César Boni \*

Juca Martins nasceu Manoel Joaquim Martins Lourenço, em Barcelos (Portugal), em 1949. Veio para o Brasil ainda criança, em 1957. Apaixonado por pintura e artes gráficas, percebeu o poder de comunicação do fotojornalismo ao conhecer a revista *Realidade*, em meados dos anos 60, o que lhe despertou para uma terceira paixão: a fotografia. Começou a carreira profissional como técnico de impressão na Editora Abril, “minha verdadeira escola”, onde, em curto espaço de tempo, passou a exercer as funções de técnico de laboratório fotográfico e repórter fotográfico.

No final dos anos 60, quando o Brasil era governado pelo Regime Militar e o Ato Institucional Nº 5 (AI-5) entrava em vigor, começou a trabalhar com o fotojornalismo. Tem passagens pelos principais jornais e revistas brasileiras. Trabalhou para os tradicionais jornais *Folha de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e *Última Hora* e para os alternativos *Movimento* e *Opinião*. Fotografou para as revistas *Realidade*, *Veja*, *Visão*, *Placar*, *Quatro Rodas* e *IstoÉ*. Presente, por mais de 20 anos, na hora certa e no lugar certo, se diz uma testemunha ocular da história: “Vivi – e registrei – importantes momentos da luta pela democracia no Brasil.” O Brasil e o mundo conhecem suas fotografias desses momentos de luta. Juca Martins sempre foi avesso a vínculos formais. “Nunca tive carteira assinada”, declara.

Autor de vários livros e ganhador de diversos prêmios fotográficos nacionais e internacionais, entre os quais dois Nikon Photo Contest International (1979 e 1981), Juca Martins concedeu essa entrevista para a revista *Discursos Fotográficos* no escritório da Olhar Imagem, em São Paulo.

\* Doutor e pós-doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Coordenador do Curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br

Juca Martins



Fotografia: Lila Souza

## Entrevista – Juca Martins

**Paulo Boni** – Bom dia, Juca. Para contextualizarmos nosso leitor, você poderia, por favor, começar dizendo quem é Juca Martins? Por onde você andou, onde trabalhou?

**Juca Martins** – Bom dia! Bom, na verdade, o meu interesse pela fotografia começou quando eu tinha 16 ou 17 anos, ou seja, desde a adolescência. Eu gostava muito de pintura, principalmente dos impressionistas franceses. Então, minha ideia era ser pintor e trabalhar com artes visuais; outra opção era ser um cientista, pois eu era muito bom de ciências no colégio. Mas, a revista *Realidade* fez com que eu me apaixonasse pela fotografia. Quando eu a conheci, passei a ser leitor assíduo. Gostava muito das grandes reportagens de caráter investigativo. Uma das primeiras das quais me lembro foi a do José Hamilton Ribeiro, que trabalhou durante trinta dias em uma fábrica para relatar como era a vida dos operários. Ele não se identificou como jornalista, simplesmente

conseguiu o emprego e foi morar em uma pensão. Passou um mês convivendo com os operários, comendo a comida que eles comiam, dormindo na pensão que eles dormiam. A *Realidade* fazia matérias maravilhosas, a relação de cumplicidade dos jornalistas com os fotógrafos era muito intensa. Aí eu disse para mim mesmo: “Eu quero ser repórter fotográfico”, pois além de lidar com artes gráficas, não vou ficar trancado dentro de quatro paredes, vou sair para a rua, entrar em contato com pessoas, viajar e conhecer o mundo. Foi aí que surgiu meu interesse pela fotografia. Assim, quando completei 18 anos (antes disso meu pai não permitiu), saí de casa e fui morar em uma pensão, na Lapa. Tão logo cheguei na Lapa, vi o anúncio de uma gráfica que estava treinando pessoas para trabalhar com impressão *offset*, uma inovação para a época, na Editora Abril. Me candidatei, arrumei um emprego de aprendiz e fui ser “estudante” dentro da Editora Abril: aprendi a preparar fotolitos, a retocar *layouts* e a finalizar provas e originais de revistas para impressão, inclusive a *Realidade*, que era o meu sonho de trabalho. A partir desse aprendizado em artes gráficas, comentei com um de meus chefes que eu gostaria de trabalhar no laboratório fotográfico e ele me transferiu para lá. Ou seja, em pouco tempo eu estava trabalhando no laboratório fotográfico da Editora Abril, uma verdadeira escola de fotografia, que ficava na Rua do Curtume. Isso foi em 1968. Comecei secando e carimbando os contatos (copiões). Foi lá que conheci nomes respeitados da fotografia, como João Bittar, Cristiano Mascaro, Claudia Andujar, George Love, Roger Bester, Lew Parrella e tantos outros fotógrafos maravilhosos. Aprendi muito olhando atentamente os copiões desses caras, foi uma verdadeira escola. Aos 19 anos eu já estava fazendo *freelas* para o *Jornal da Tarde*. Em questão de meses passei a fazer *freelas* também para a *Folha de S. Paulo*. Em 1969, quando estava com 20 anos, o Projeto Alfa, que em 1970 virou a revista *Placar*, estava sendo montado e eu e o João (Bittar) já estávamos fazendo *freelas* para revistas da Abril, como a *Veja*, a *Quatro Rodas* e, eventualmente, para a própria *Realidade*, o que me enchia de orgulho. Nada de muito relevante no começo, pois eu era muito novo, e, claro, as grandes reportagens eram destinadas aos grandes fotógrafos,

mas eu ia fazendo um retrato aqui, outro ali, aquele personagem que ninguém queria fotografar eu ia lá e fazia. Então, praticamente, foi esse o meu começo no fotojornalismo, fazendo *freelas* para importantes jornais e revistas entre 1969 e 1971.

**Paulo Boni** – Nesse período, Juca, o Brasil era governado pelos militares (1964-1985) e o Ato Institucional Nº 5 (1968-1978) já estava em vigor. Você teve problemas para trabalhar com fotojornalismo durante o Regime Militar e com o AI-5?

**Juca Martins** – Nesse período, não. Não me lembro de ter tido qualquer problema até 1974. Mas, a partir de 1974 eu tive, sim, alguns problemas. Entre 1974 e 1975, eu estava trabalhando na revista *Visão*, que era do Said Farah, mas que foi vendida a Henry Maksoud. Mesmo sendo de esquerda na época do Farah (a revista foi vendida para Maksoud em 1974), a revista ainda não sofria censura prévia. Era uma revista importante à época, nela trabalharam bons nomes como Vladimir Herzog, Rodolfo Konder, George Duque Estrada e outros. O Valdo (Vladimir Herzog), que era editor de cultura, foi meu chefe na *Visão* até a revista ser vendida para o Maksoud. A partir de então, com clara mudança ideológica na linha editorial, a qualidade da revista caiu muito e eu saí, em 1975. Fui para o recém-fundado jornal *Movimento*, trabalhar como diretor de arte e, aí sim, eu tive contanto direto com a censura porque eu era um dos editores do jornal, e o *Movimento*, todo mundo sabe, era um jornal de esquerda.

**Paulo Boni** – Que fotógrafos trabalhavam no jornal *Movimento* nesse período?

**Juca Martins** – No *Movimento* não havia fotógrafos contratados. O jornal contratava *freelancers*. O João Bittar era um dos que mais prestavam serviços para o jornal. Mas a ilustração do *Movimento* era muito mais de desenhos e charges que de fotografia. Eu nem fotografava, pois era o chefe do departamento de arte e responsável pela diagramação do jornal, inclusive era eu que acompanhava o jornal na gráfica. Eu só saía

de lá quando o jornal estava rodando e sendo empacotado para distribuição.

**Paulo Boni** – Pelo que entendi, até esse momento você – pessoal e profissionalmente – não teve problemas com a censura?

**Juca Martins** – Não, com fotografias de minha autoria não. Mas fotografias que eu havia produzido para a seção “Cenas Brasileiras”, do Aguinaldo Silva, foram censuradas. Textos do Bernardo Kucinski, um dos editores do jornal, foram censurados, fotografias do João Bittar foram censuradas, desenhos e charges foram censuradas, fotografias de tragédias, enchentes e denúncias sociais foram vetadas pela censura. A censura aumentava muito a nossa carga de trabalho, pois, para circular semanalmente, a gente produzia o equivalente a três jornais para sair um.

**Paulo Boni** – Você ficou quanto tempo no jornal *Movimento*?

**Juca Martins** – Dois anos, de 1975 a 1977. Em 1977, eu fui para a revista *IstoÉ*, onde já estavam os fotógrafos João Bittar e Hélio Campos Mello. Eu fui para ser *freelancer*, para fazer parte da equipe, mas sem carteira assinada. Aliás, eu nunca tive carteira assinada, nem mesmo no jornal *Movimento*, onde eu era do conselho de redação. A *IstoÉ* foi um período maravilhoso. Lá eu trabalhei com o Mino Carta, que era um sujeito muito avançado em termos de imprensa. Ele fez um acordo muito legal com nós três (Juca Martins, João Bittar e Hélio Campos Mello, os fotógrafos da revista). Ele disse: “Eu só quero ver as fotografias publicadas na revista; vocês são os donos dos negativos e dos direitos intelectuais de suas fotografias, façam deles o que quiserem.” Acho importante dizer isso porque, à época, os jornais e revistas retinham a produção fotográfica de seus fotógrafos. Então, eu tenho até hoje os negativos de tudo o que eu produzi para a *IstoÉ*, assim como o João (Bittar) e o Hélio (Campos Mello). Foi a vivência dessa experiência inédita, protagonizada pelo Mino Carta, que me levou, junto com a Nair Benedicto e mais alguns colegas, a fundar a Agência F4 de

Fotojornalismo, em 1979. Outros fotógrafos, especialmente alguns que estavam no *Jornal da República*<sup>1</sup>, fundaram a Agência Angular. Ou seja, na segunda metade da década de 1970 surgiram duas agências de fotojornalismo, a F4 e a Angular.

**Paulo Boni** – Você considera importante o nascimento e proliferação de agências de fotografia na luta pela liberdade de expressão e pela propriedade da produção fotográfica?

**Juca Martins** – As agências foram importantes porque acentuaram a relação do fotógrafo como autor e a propriedade da produção fotográfica, que até então era muito precária. Para se ter uma ideia, a tabela de preços que existe hoje foi inspirada na que criamos há mais de 30 anos na F4. Nós a criamos porque eramos *freelancers* e não podíamos ser sindicalizados, pois, para sindicalizar, o sindicato exigia um contrato em carteira de trabalho. Então, fizemos um movimento e conseguimos mudar o estatuto do sindicato, de forma que ele aceitasse sindicalizar os *freelancers*, desde que comprovássemos seis meses de ganhos com fotografias publicadas na imprensa. Para tanto, elaboramos uma tabela de preços mínimos e ninguém trabalhava fora dessa tabela, ou seja, ela fez parte de uma luta e foi uma conquista para a categoria. Com as agências também conquistamos a independência para trabalhar, deixamos de ser cumpridores de pautas e passamos a sair para fotografar nossos projetos, o que a gente realmente achava importante, sem se preocupar se a *Veja*, a *IstoÉ* ou a *Visão* iriam querer – ou não – nossas fotografias. Fazíamos e pronto. Procurávamos registrar o que achávamos que era importante para a história do país, fotograficamente falando.

**Paulo Boni** – Com a derrocada do AI-5, no final de década de 1970, começamos a ter uma liberdade maior de publicação. Não estou me referindo exclusivamente aos jornais e revistas, mas também à publicação de livros. Você, inclusive, tem livros publicados em 1980 e

<sup>1</sup> O *Jornal da República*, sob direção do Mino Carta, circulou em São Paulo por um breve espaço de tempo, de agosto de 1979 a janeiro de 1980.

1981 e ganhou diversos prêmios. Você acredita que as agências também foram uma espécie de mola propulsora para alavancar a produção autoral?

**Juca Martins** – Também publicamos alguns livros na época da F4. Fizemos um chamado *A greve do ABC*, com fotografias nossas e textos assinados pelo Ricardo Kotscho. Conseguimos levantar a verba para a publicação desse livro na Suíça. Também fizemos um que discutia a questão do menor. Convidamos especialistas em educação para a elaboração dos textos desse livro. Não foram muitos, mas publicamos livros temáticos. Uma vez, juntamos o pessoal da F4, o João Bittar, da Angular, e o Milton Guran para cobrir a volta do Miguel Arraes do exílio. Fizemos um jornal falando da anistia, do retorno do Arraes, do retorno de outros exilados etc. Se você prestar atenção, verá que nossas publicações estavam sempre voltadas para questões políticas. Não tinha nada de abstrato ou de estética, era política mesmo. Eu gostava disso. Aliás, acho que não continuo trabalhando com isso até hoje por limitações físicas.

**Paulo Boni** – Os fotógrafos da década de 1970 eram mais engajados em causas sociais que os de hoje?

**Juca Martins** – Posso falar de algumas pessoas que conheço: o João (Bittar) e a Nair (Benedicto) sempre foram. Eu vivia pulando de um lugar (emprego) para outro, nem dava tempo de me envolver muito com a política. Na realidade, eu me coloco mais como um fotógrafo documentarista.

**Paulo Boni** – Hoje, nas benesses da democracia e com a maturidade que o tempo lhe talhou, você avalia que a atuação dos jornalistas, especialmente os fotojornalistas, durante as décadas de 1970 e 1980 contribuiu para a (re)democracia e para o desenvolvimento social do Brasil ou foi uma luta inglória?

**Juca Martins** – Quando você é novo, acredita que a fotografia é revolucionária e vai promover grandes transformações sociais. Depois de algum tempo, a gente envelhece e percebe que não houve transformações tão radicais. Mas, sem dúvida, o jornalismo e a fotografia contribuíram

para pequenas transformações que fazem muita diferença na sociedade. Um exemplo foi a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>2</sup> (ECA), em 1990. Bem antes de sua aprovação, nós fizemos na F4 um livro que tratava da questão do menor nas unidades da FEBEM<sup>3</sup>. Foi uma produção independente, que mostrava clínicas, os maus tratos a que as crianças eram submetidas nas unidades, crianças drogadas que ficavam nos pátios. Enfim, um material impactante, que provocou discussões e manifestações na classe média. Houve, inclusive, uma mobilização exigindo mudanças no sistema. Uma das fotografias desse livro ganhou o prêmio de fotografia da *Folha de S. Paulo*. Outro exemplo é o livro sobre o ABC, com os textos do Ricardo Kotscho. As fotografias desse livro não eram só de fotógrafos da F4, é importante frisar. Além dos seis ou sete da F4, reunimos mais de 40 fotógrafos para sua produção, convidamos fotógrafos da *Veja*, da *Folha de S. Paulo* e outros independentes. Parte dos recursos obtidos com a venda do livro foi doada aos metalúrgicos, ou seja, de certa forma ele contribuiu para “segurar” as greves, pois, quando da prisão do Lula e de outras lideranças, os grevistas não tinham dinheiro para sustentar as greves. Houve ajuda com a promoção de shows de artistas engajados, como Gonzaguinha, Elis Regina e Fagner. Os shows eram realizados no antigo estúdio da Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, e a renda ia toda para o fundo de greve, para os metalúrgicos terem dinheiro para comprar comida, para conseguir enfrentar os patrões e não ceder. Então, nesse caso, temos músicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, um monte de gente engajada na luta para melhorar o país. A grande lição é: primeiro você precisa mudar a sua cabeça, para depois mudar o mundo. Se nós mudarmos, o mundo já estará mudando, perceba você ou não. Se eu fizer uma mudança eu já estou contribuindo para melhorar o mundo. Então, esses fotógrafos que se juntaram para fazer publicações conjuntas estavam sendo solidários, estavam lutando para melhorar o Brasil. E isso teve resultado, sim, sem dúvidas.

<sup>2</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi instituído pela Lei 8.069, em 13 de julho de 1990.

<sup>3</sup> A antiga FEBEM – Fundação Estadual do Bem Estar do Menor foi transformada na atual CASA – Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente.

**Paulo Boni** – Você acha que esse engajamento, essa interação colaborativa ainda existe? Ela mudou ou não existe mais?

**Juca Martins** – A situação piorou muito. Antigamente os profissionais, não só os fotógrafos, quero deixar claro, se respeitavam mais: um profissional não roubava clientes de outros profissionais. Hoje, o mercado está muito mais competitivo e parece que todo mundo está puxando o tapete de todo mundo. A competição está acabando com o respeito e com o profissionalismo. Você tem um cliente, algum cara aparece lá e oferece o serviço pela metade do preço... Nesse aspecto, acho que a situação piorou muito.

**Paulo Boni** – No início da década de 1980 você estava na revista *IstoÉ* e foi cobrir o conflito na Nicarágua?

**Juca Martins** – Na verdade, essa viagem foi pela Agência F4. Eu fui para El Salvador, em 1981, mas como lá a guerra havia dado uma tranquilizada, decidi seguir para a Nicarágua, onde a revolução havia recém-derrubado o Somoza<sup>4</sup> e os revolucionários haviam assumido o poder. Considerando El Salvador e Nicarágua, permaneci três meses na América Central cobrindo guerras civis. Não encontrei nenhum fotógrafo da *Veja*, da *Folha* ou do *Estadão*, todos esses veículos preferiram comprar fotografias de agências de notícias internacionais. As agências de notícias limitaram um pouco a participação de fotógrafos em determinados conflitos. A relação de trabalho também era – e continua – ruim: os fotógrafos precisavam cobrir três ou quatro pautas por dia. Lembro de estar cobrindo greves ou assembleias de grevistas em São Paulo e via um fotógrafo de algum jornal passar por lá, fazer meia dúzia de fotografias e ir embora porque tinha que cumprir outras pautas em outros locais. Caramba, eu ficava inconformado porque as coisas estavam acontecendo, estavam por explodir, decisões podiam mudar o rumo das greves e os fotógrafos não

<sup>4</sup> Anastasio (“Tachito”) Somoza Debayle assumiu o poder na Nicarágua de 1967, intensificando a violenta ditadura que, antes dele, seu pai e seu irmão mais velho haviam implantado. Em 1979, acuado pela guerrilha interna e pela pressão internacional, “renunciou” e fugiu para o Paraguai, onde foi assassinado em 17 de setembro de 1980, quando um tiro de bazuca destruiu seu carro.

estavam lá porque tinham que cumprir outras pautas. Eu sempre me dediquei intensamente às coberturas, ficava de plantão, passava fome, perdia horas de sono, mas queria documentar os lances mais importantes dos eventos.

**Paulo Boni** – A Agência F4 bancou você três meses na América Central?

**Juca Martins** – Não! Cada um se bancava. A F4 não tinha dinheiro. Eu tinha uns clientes, ganhava alguma grana e fui me mantendo. Aos poucos, a F4 começou a se firmar, a vender fotografias para clientes, inclusive as mais importantes revistas e os mais importantes jornais do país, e aí começou a dar algum dinheiro. Uma das grandes conquistas da F4 e da Angular, além do direito autoral das fotografias, foi o direito patrimonial. A grande descoberta da agência foi um mercado novo: o dos livros, revistas de empresas e pequenas publicações. O papel da F4, da Angular e de outras agências de fotografia foi muito importante para a profissionalização do fotógrafo e para a conquista de respeito aos direitos patrimoniais da produção fotográfica.

**Paulo Boni** – Você destacaria alguma cobertura fotográfica feita no período da F4?

**Juca Martins** – Várias. Uma das mais marcantes foi a de Serra Pelada. Na verdade, primeiro eu fui para o Araguaia cobrir o assassinato de uma liderança camponesa, em 1980, que não era do MST, pois, nessa época, acho que o MST ainda nem existia. Os posseiros tinham um grande líder sindical, que foi assassinado. O Dom Pedro (Casaldáliga), nessa ocasião, me disse: “Eu admiro muito vocês, fotógrafos, pois vocês são os olhos da sociedade.” Aí eu fiquei pensando: “Se eu sou os olhos da sociedade, então preciso ir para Serra Pelada, que tinha acabado de ser descoberta, para mostrar para a sociedade o que estava acontecendo por lá.” Praticamente sem dinheiro, peguei um ônibus e viajei a noite inteira por uma estrada de terra até Marabá, no Pará. Lá, fui ao aeroporto para me deslocar até Serra Pelada, para onde não havia voos comerciais. Sendo

assim, eu precisava pegar carona ou fretar um voo de garimpeiro. Antes, porém, era preciso conseguir uma autorização do Major Curió para entrar no garimpo. Eu abordei um piloto de aluguel que estava de saída para o garimpo e disse-lhe: “Quero alugar seu avião para me levar a Serra Pelada. Sei que você está indo para lá. Então, por favor, leve a minha credencial de fotógrafo e peça para o Major Curió autorizar minha entrada.” Isso foi às seis horas da manhã. Ao meio dia o piloto estava de volta com a autorização. Lá fui eu. Fui revistado na entrada e na saída para saber se eu não estava levando contrabando ou trazendo ouro. Me identifiquei como fotógrafo de uma agência independente, que tinha como clientes, entre outros, a *Veja* e a *IstoÉ* e alguns jornais alternativos. Fiquei dois dias no garimpo de Serra Pelada e produzi um material que até hoje faz sucesso, até hoje vende. Recentemente, fiz um levantamento e essas fotografias já me renderam mais de duzentos mil reais.

**Paulo Boni** – E quem administra esse acervo?

**Juca Martins** – Eu mesmo.

**Paulo Boni** – Eu perguntei quem administra porque com o fim da Agência F4...

**Juca Martins** – Depois da F4, eu e mais um colega fotógrafo criamos a Pulsar Imagens. Mas fiquei muito pouco na Pulsar. Acabei saindo porque pensávamos diferente, divergíamos na maneira de conduzir a empresa, então resolvi sair da sociedade e criei a Olhar Imagem, hoje uma agência com 40 fotógrafos. A Olhar Imagem começou em 2002, já totalmente digital. A proposta já nasceu para ser exclusivamente *online*, para não manter fotografias em papel, cromos, nada. A ideia é ser uma agência *clean*, rápida, totalmente eletrônica. A maior parte de tudo isso que eu tenho aqui (corre os braços pelo escritório/ateliê e mostra acervos em papel e em cromo) já está digitalizada. Eu nem sei o que fazer com isso agora. Terei que encaixotar isso tudo e guardar em algum lugar. Está vendo aquele baú preto (mostra um enorme baú no chão)? Ele está cheio de negativos

envelopados, deve ter mais de 30 mil negativos aí dentro, nem contatos eu tenho. Terei que deixar isso em algum lugar...

**Paulo Boni** – A Olhar Imagem também administra um banco de imagens?

**Juca Martins** – Sim. Hoje temos mais de 50 mil fotografias, de cerca de 30 fotógrafos, tudo *online*. Também criei um grupo no Facebook, o *Fotobrasilis*, cuja proposta é produzir documentários regionais. Na realidade, o Brasil tem alguns “buracos negros” iconográficos. Temos uma produção fotográfica excessiva das regiões Sul e Sudeste, especialmente de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em contrapartida, temos poucas fotografias do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste, por exemplo. As editoras têm dificuldades em conseguir boas fotografias dessas regiões. Então, o que temos que fazer? Pegar um ônibus, ir para o sertão e produzir fotografias desses rincões todos. Fazer o roteiro do Grande Sertão Veredas ou de Canudos, por exemplo. O *Fotobrasilis* está caminhando nessa direção. Você é de Londrina, né? Então, nós temos a Elvira (Alegre) de Londrina no grupo. De Curitiba temos o Baiano (Alberto Viana) e João (Urban); de Ponta Grossa temos a Roseli. Temos gente nova de todo o país. Temos o Cândido Neto, do Piauí, o Antônio Siqueira, de Rosário do Oeste, no interior do Mato Grosso, tem gente da Bahia, de toda parte. Então, o *Fotobrasilis* está misturando “cobra criada” com gente que está começando na fotografia e os caras estão tendo chances de pôr fotografias suas nos livros publicados aqui em São Paulo ou no Rio de Janeiro, por exemplo.

**Paulo Boni** – Juca, eu gostei muito desse termo que você usou: buracos negros iconográficos, mas vamos retroagir à década de 1980. Estávamos falando da Agência F4 e de suas conquistas no campo dos direitos autorais...

**Juca Martins** – A Agência F4 acabou com *impeachment* do Collor de Melo. Ela durou 13 anos, chegou a ter mais de 30 fotógrafos, virou uma cooperativa, com escritórios em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Muita gente boa passou pela F4. Lá tudo era decidido no voto. Éramos um grupo grande e atuamos em três importantes centros. Foi uma experiência marcante na fotografia brasileira, especialmente no fotojornalismo.

**Paulo Boni** – Você permaneceu na F4 até 1992?

**Juca Martins** – Sim, até 1992. Em 1992, resolvemos dissolver a sociedade, mas o nome Agência F4 continua pertencendo a todos os 16 sócios que a dissolveram. Assim, se algum ex-sócio quiser usar o nome da F4 para qualquer coisa, terá que obter autorização dos outros 15 ex-sócios. Foi uma solução amigável que encontramos, aliás, nos damos muito bem até hoje. Fechamos a F4 por “n” motivos, mas aquela história do Collor confiscar o dinheiro da poupança e limitar o saldo da conta corrente deixou a gente em uma situação difícil, sem possibilidades de honrar nossas contas em dia. Aí, dissolvemos. Eu, o Delfim (Martins) e a Laura (Del Mara Lourenço) criamos a Pulsar; A Cynthia (Brito) e o Samuca (Salomon Cytrynowicz) criaram uma nova agência; O Ricardo e o Rogério (Reis) se uniram ao Klaus Meyer, no Rio de Janeiro. Enfim, todos sobrevivemos, continuamos vivos e envelhecemos. Hoje, com a Olhar Imagem, trabalho do meu modo. Sou meio chato para trabalhar, não gosto muito de burocracia, de “coisa autorizada”, não coloco para vender uma fotografia que eu não gosto. Não sou ambicioso.

**Paulo Boni** – Como você sobrevive financeiramente? Exclusivamente da Olhar Imagem?

**Juca Martins** – Eventualmente, também faço uns *freelas*, mas o mercado fotográfico diminuiu e os valores caíram muito, não só para mim, para todos. Minha principal fonte de renda é a Olhar Imagem.

**Paulo Boni** – Os *freelas* que você faz são exclusivamente de fotojornalismo?

**Juca Martins** – Acabei de fotografar para uma universidade que está produzindo um livro para comemorar seus 50 anos. Fotografei

o Fernando Henrique Cardoso, o Delfim Neto, alguns prédios, coisas do gênero institucional. Gosto desse tipo de serviço, mas não gosto de fazer fotografias de publicidade, não gostava àquela época e gosto menos ainda nos dias de hoje. Tempos atrás o *Miami Herald* me contratou para fotografar a crise econômica brasileira. Fotografei entrevistados, a linha de montagem da Ford, a fila do desemprego, dirigentes de sindicatos. É o tipo de *freela* que eu gosto de fazer. Para esse livro dos 50 anos da universidade, por exemplo, fotografei testes de raio laser, um material documental de alta tecnologia. Acho interessante mostrar um Brasil desenvolvido, pois o país não é só miséria, não é o fundo do poço. Fotografando para esse livro, descobri que estão desenvolvendo uma vacina para o diabetes na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Acho que, provavelmente, o Brasil será o primeiro país do mundo a conseguir essa vacina e registrar essa patente.

**Paulo Boni** – E por falar em coisas boas, você acha que o Brasil está passando por um bom momento na fotografia?

**Juca Martins** – Acho. Não só Brasil, como o mundo todo. As novas tecnologias estão facilitando muito o trabalho do fotógrafo. Hoje, é muito mais fácil dominar o processo técnico, mas está faltando o “olho bom”, falta um trabalho mais sério, mais elaborado. Muita coisa está sendo feita “nas cochas” em razão das facilidades das novas tecnologias.

**Paulo Boni** – Parece que o fotografar está se tornando um ato superficial. Multiplicamos o número de fotógrafos, mas não necessariamente a qualidade e a plasticidade da fotografia...

**Juca Martins** – Acho que sim. Ainda são poucos os caras que dominam o processo, que desequilibram... Tem muita gente fotografando, mas pouca gente criando coisas novas.

**Paulo Boni** – Com até 30 anos de idade, você saberia citar alguns bons fotógrafos?

**Juca Martins** – Não saberei responder isso agora. Mas se olharmos no *Fotobrasilis*, deveremos encontrar alguns nomes nessa faixa etária que estão produzindo boas fotografias.

**Paulo Boni** – Perguntei isso porque todos – professores, profissionais e amantes da fotografia – quando vão citar bons fotógrafos, citam pessoas com 50, 60, 70 anos de idade. Não temos nem um expoente jovem na fotografia?

**Juca Martins** – Temos bons fotógrafos, fazendo bons trabalhos em suas regiões. Provavelmente alguns venham se tornar nomes conhecidos e respeitados na fotografia. Olhando o material enviado para o *Fotobrasilis*, dá para separar pelo menos uma meia dúzia de jovens fotógrafos que surpreendem pela qualidade do trabalho produzido.

**Paulo Boni** – Você acha que o futuro da fotografia esteja ligado à documentação? Ou seja, as pessoas documentando fotograficamente sua rua, seu bairro, sua cidade, sua região?

**Juca Martins** – Pessoalmente, acho que não. Acho que ainda há muitas vertentes para a fotografia. Mas esse direcionamento é forte, haja vista as manifestações que ocorreram em junho de 2013. Muita gente fotografou essas manifestações de forma localizada. Tem muita gente fotografando suas comunidades. Esses dias conversei com uma menina de Vitória, no Espírito Santo, que está começando no *Fotobrasilis*. Ela me enviou algumas fotografias feitas em uma favela de Vitória, mas as fotografias demonstravam que ela estava insegura no ambiente e ainda não tinha as “manhas” de produzir boas fotografias documentais. Me lembrei do trabalho que o Jacob Riis fez há mais de 100 anos nos bairros pobres de Nova Iorque. Então sugeri a ela que voltasse à favela e interagisse com a comunidade, para produzir fotografias mais reais e espontâneas, que documentassem com mais veracidade a realidade dos habitantes daquele lugar. Ela topou e está produzindo esse material de documentação. Isso é legal! Então, as coisas mudaram muito dos tempos do Jacob Riis para os dias atuais, agora as câmeras são digitais, você fotografa bem em baixa

luz, mas é preciso se entregar ao trabalho, escolher os lugares, os personagens, bons enquadramentos... só pode sair de lá quando as fotografias acontecerem e ficarem boas. Você não acha que dá para fazer um “puta” ensaio fotográfico de como os favelados vivem nos dias atuais?

**Paulo Boni** – Por conta de um trabalho maior, tenho conversado com muitos fotógrafos que trabalharam durante o Regime Militar e, às vezes, no meio da conversa, sem nada pautado, eles se lembram de coisas interessantíssimas. Você tem algumas percepções, algumas lembranças, alguma coisa que eu não tenha perguntado?

**Juca Martins** – No início de carreira, eu fazia muitas matérias de comportamento, o que não tinha grandes problemas com a censura. Na *Placar* eu fotografava futebol, que também não tem nada a ver com censura. Na *Visão*, quando trabalhei com o Vlado (Vladimir Herzog), não percebi a tesoura da censura. A *Visão* não era uma revista tão vigiada e censurada quanto a *Veja*. Quando estive na *Veja*, era responsável por matérias leves, de comportamento, não censuradas. Senti mais o peso da censura quando passei pelos jornais *Movimento* e *Opinião*. Mas, em linhas gerais, a censura comia solta. A *Folha*, o *Estadão*, o *Jornal da Tarde*, todos sofriam com a censura. Para protestar, no espaço das matérias censuradas, o *Jornal da Tarde* publicava receitas, o *Estadão* publicava versos de Camões. Na *Veja*, parte da censura era por causa do Mino Carta, pois ele publicou matérias sobre tortura, o que enfureceu os militares, mas, na verdade, quem escreveu o texto sobre a tortura foi o Raimundo Rodrigues Pereira, que era repórter da revista. O Plínio Marcos teve uma peça censurada e o Mino Carta contratou o Plínio para trabalhar na revista, ou seja, ele tinha o dom de provocar e os militares o odiavam por isso. Então, acredito que a *Veja* tenha sido censurada e perseguida pelos militares mais por conta do Mino Carta que das reportagens que a revista publicava. Os jornais alternativos sofreram muito com a censura, pois eles eram deliberadamente contra os militares. Os censores liam todas as matérias do *Movimento* antes do jornal ser diagramado, viam as fotografias, os desenhos, as charges, tudo tinha que ser previamente liberado pelos

censores. Quando o jornal ia para impressão, a gráfica rodava um exemplar e um dos rapazes da gráfica pegava esse exemplar e levava-o ao censor para obter autorização para a impressão. Só depois que ele voltava com a assinatura do censor neste exemplar é que a gráfica começava a rodar a tiragem normal do jornal. Coisa de louco...

**Paulo Boni** – Você, propriamente dito, não teve problemas ou prejuízos com a censura?

**Juca Martins** – Eu tive ameaças de prisão, mas nunca fui preso; ameaçaram me bater durante coberturas de movimentos grevistas, mas nunca apanhei. Prejuízo também eu nunca tive. Mesmo sem problemas, vivi um período intenso da luta da sociedade brasileira pelo fim da ditadura e essa experiência foi muito gratificante. Em 1977 começaram as manifestações estudantis, os estudantes saíram às ruas de São Paulo e a polícia desceu o cassetete, sem dó. Em 1978 e 1979 começaram as passeatas pela anistia. Começaram também as grandes greves do ABC e a coisa foi crescendo, ganhando corpo. No início da década de 1980 houve o movimento pelas Diretas Já, uma das coisas mais bonitas e patrióticas que tive oportunidade de fotografar. O movimento foi espontaneamente ganhando as ruas, ganhando a adesão de artistas, músicos, desportistas. Nossa! Foi muito bonito. Durante minha carreira, produzi muitas fotografias de manifestações, passeatas, protestos e coisas do gênero.

**Paulo Boni** – O cidadão Juca Martins, hoje na maturidade de seus 65 anos, pensa em deixar um legado de seu trabalho para a sociedade brasileira?

**Juca Martins** – Penso em deixar, principalmente, um legado para minhas duas filhas, uma de 11 e outra de 40 anos. Quero deixar um exemplo de ética, retidão e caráter para elas. Espero que um dia elas se orgulhem – e não de envergonhem – de mim. Não fui mau caráter com ninguém. Todas as pessoas mais jovens que me procuraram, precisando de alguma coisa, procurei ajudar. Minha formação na F4 me ajudou

muito nessa empreitada. Várias vezes, abri mão de boas viagens para permitir que pessoas mais jovens viajassem, ganhassem experiência, conhecessem o mundo, crescessem profissionalmente. Hoje, na *Fotobrasilis*, ajudo os mais jovens como posso, nunca fecho as portas para eles. Conheço bem aquela lei da física que diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço, então procuro sempre ceder espaço para novos corpos.

**Paulo Boni** – Alguma recomendação para quem está entrando agora no mercado da fotografia?

**Juca Martins** – Acho que a melhor recomendação é atenção, foco, concentração. Quando dou palestras em escolas superiores eu sempre peço para os ouvintes lerem os livros do detetive Sherlock Holmes. Ele é um grande observador. Quando alguém entra na sala, ele observa os sapatos, as roupas, os acessórios, os trejeitos, o entorno, presta atenção em tudo. Observando você antevê situações, antecipa conclusões, se prepara para o previsível e para o imprevisível. Então, peço para as pessoas serem observadoras como o Sherlock Holmes. Também acho importante tornar-se uma testemunha ocular da história. Fui registrar guerras, como as de El Salvador e da Nicarágua. Minhas fotografias são uma importante contribuição para a documentação da história. Sem contar que, nessa época, nos anos 1960, começamos a fotografar e a denunciar as agressões ao meio ambiente na cidade de Cubatão, que se tornou um dos lugares mais poluídos do mundo. Partido Verde, movimento pela preservação da natureza e do meio ambiente praticamente nem existiam nessa época, mas nós estávamos lá, testemunhas oculares, documentando as transformações do mundo. Eu, particularmente, acho isso muito importante. Nos anos 1970, estávamos fotografando as greves, as manifestações, a repressão militar, os movimentos reivindicatórios por direitos humanos, por direitos políticos, por mais justiça, sem nunca ter sido filiado a nenhuma agremiação política. Acho que a gente tem esse compromisso de isenção e compromisso com a sociedade. Seriam essas as recomendações que eu deixo para

quem está começando: seriedade, respeito, ética, profissionalismo e, acima de tudo, compromisso com a sociedade. Temos que lutar por uma sociedade melhor, mais justa, mais igual.

**Paulo Boni** – Juca, muito obrigado pela entrevista.

**Juca Martins** – Às ordens.